

O HOMEM E O TEMPO

Há quatro coisas que não voltam atrás:
a pedra, depois de atirada;
a palavra, depois de proferida;
a ocasião, depois de perdida;
e o tempo, depois de passado.

- H. RIMINALDO

Nos começos do começo, o Homem, em seus momentos de lazer, depois de passar o dia caçando e colhendo frutas para alimentar a família, começou a observar e a procurar entender os mistérios da natureza.

Viu Que o Sol nascia no horizonte, depois de o mundo ficar na mais completa escuridão, uma escuridão que só era interrompida pelo brilho das estrelas e pela pálida luz da Lua que se mostrava nos mais diversos formatos, mas que não conseguia iluminar a vida como fazia o Sol.

Quando o Sol nascia no horizonte, ainda fazia frio mas, à medida que ia subindo no firmamento a temperatura ia aumentando, ficando cada vez mais quente, só diminuindo o calor depois que o Sol se escondia no ocaso.

Descobriu, aos poucos, a manhã, a tarde, a noite e a madrugada que, juntos, passaram a formar um período de tempo que passou a ser chamado dia.

Ninguém sabe quantos séculos e quantas gerações o Homem gastou para medir e dividir o tempo em segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, ano, século.

Principiou a querer medir o tempo e tudo faz crer que o primeiro instrumento inventado pelo Homem para fazê-lo foi o relógio de sol, descoberto por um súdito do rei Archaz, da Caldéia que no ano 2.600 a. C., depois de ficar de pé, parado, sob o Sol, percebeu que sua sombra mudava de posição, à medida que o tempo ia passando. Mas o relógio de sol tinha uma inconveniência: só media o tempo durante o dia, logo que o sol aparecia. E como medir o tempo à noite, depois que o Sol ia embora e o mundo só era iluminado pelo brilho das estrelas e pela Lua?

Séculos depois, Platão inventou a clepsidra, uma espécie de conta-gotas capaz de medir o tempo, tanto durante o dia como também durante a noite, através do intervalo entre uma gota e outra de água contida num recipiente.

Outros aparelhos foram inventados pelo Homem, entre os quais a ampulheta, que usava grãos de areia contidos num recipiente que, por uma pequena abertura, deixava passá-los, um após outro.

Somente no ano de 1657 foi que o holandês Christian Huygens, utilizando um pêndulo como contrapeso, criou o protótipo do marcador de tempo que hoje chamamos de relógio. Partindo da idéia do holandês, o alemão Peter Heitern simplificou e tornou mais prática a invenção de Huygens, substituindo o pêndulo por uma mola, fazendo com que o relógio ficasse muitas vezes menor, contribuindo, assim, para que surgissem, no decorrer dos anos, os primeiros relógios portatéis movidos pelo impulso dessa mola que, ao se descontrair ordenadamente fazia com que os ponteiros marcassem os segundos, os minutos e as horas de um dia.

Contam até que Santos Dumont, pensando em facilitar o comando de seu 14-Bis, encomendou

a um relojoeiro de Paris, um relógio que ao invés de ser guardado na algibeira, ficasse preso ao pulso por uma correia de couro, idéia essa que foi aproveitada pelo comerciante inglês que, sem pestanejar, registrou a patente do relógio de pulso, como hoje ele é conhecido.

De níquel, de prata ou até mesmo de ouro, de algibeira ou de pulso, o relógio, a princípio, passou a ser usado somente por pessoas de certas posses. Com a instalação de grandes fábricas, notadamente na Suíça, o preço do relógio diminuiu mas, mesmo assim, ainda não passou a ser adquirido pelo povo em virtude da quantidade enorme de peças necessárias para que um bom relógio fosse capaz de funcionar a contento. Até rubis foram usados na sua confecção.

Somente nos dias em que vivemos, com seus estojos de plástico e pela substituição da grande quantidade de peças por circuitos integrados, é que o relógio, movido por microbaterias de longa duração, se popularizou e ficou ao alcance de todas as bolsas.

O Homem, até hoje, só conseguiu inventar aparelhos para medir o tempo. Não lhe foi ainda possível, entretanto, aprisionar o tempo como fez com a palavra, com a música, com a imagem. Para aprisionar o tempo, parando-o, terá que dominar a natureza. É este o seu desafio. Por enquanto o Homem nada mais é do que um escravo do tempo.

Fonte: MAIOR, Mário Solto. *O Homem e o Tempo*. Recife: 20-20 Comunicação e Editora 1995. 96p.